

**O PROFESSOR COMO MEDIADOR DO PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM EM SALA DE AULA**

*THE TEACHER AS MEDIATOR OF THE CLASSROOM PROCESS
TEACHING-LEARNING*

Matheus Grigoletto PEREIRA¹, Thiago Henrique da Silva DE SALES²

RESUMO: Este artigo objetiva contribuir para a importância da interação professor-aluno no contexto escolar e sua relevância na prática docente e construção do conhecimento. Destarte, propomos uma reflexão a partir de um estudo bibliográfico, sobre como a mediação do professor pode ajudar na aprendizagem e desenvolvimento mútuo. Para tanto, utilizou-se de reflexões acerca desses aspectos; e baseando-se em obras fundamentais, como: Freire (2005), Vygotsky (1987,1998) e Fontana (2000), os quais confirmam a vital importância da figura do professor e sua interação ombreada com o aluno. Espera-se, assim, fortalecer a visão indispensável da interação aluno-professor para o ensino-aprendizagem essencial.

PALAVRAS-CHAVE: ensino-aprendizagem; professor.

ABSTRACT: This article aims to contribute to the academic community on the importance of teacher-student interaction in the school context, its relevance in teaching practice and knowledge construction. Thus, we propose a reflection based on a bibliographic study, on how teacher mediation can contribute to learning and mutual development. For that, reflections on these aspects were used; and based on fundamental works, such as: Freire (2005), Vygotsky (1987, 1998) and Fontana (2000), which confirm the vital importance of the teacher's figure and its parallel interaction with the student. It is hoped, therefore, to strengthen the indispensable vision of student-teacher interaction for essential teaching-learning.

KEYWORDS: teaching-learning; teacher.

¹ Graduando em Administração na Universidade de Caxias do Sul, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, E-mail: grigolettomatheus@gmail.com.

² Doutorando em Letras na Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil, E-mail: thiagohtsales@hotmail.com

1 Introdução

Em tempos de constantes mudanças e adaptações nas bases e rotinas da sociedade, sobretudo em período de isolamento social decorrente da pandemia do COVID-19, seja pelo distanciamento físico ou ainda pelo crescimento do home office, transformações significativas vêm ocorrendo em velhos moldes, fazendo com que novas tendências emergjam e tomem espaço permanente no ambiente social. É fato incontestável que a escola tem papel fundamental na formação, tanto individual quanto coletiva, de alunos inseridos no ambiente escolar brasileiro.

Nesse sentido, cada vez mais, a relação professor-aluno tem sido alvo de preocupação e debate no contexto escolar. Diante das práticas educativas, muitas ações desenvolvidas no ambiente da sala de aula acabam tendo sua efetividade comprometida, em razão da pouca atenção à temática e sua importância. Emerge, assim, a necessidade de estabelecer uma reflexão sobre o tema, tendo em vista a relevância de todos os aspectos que caracterizam o ambiente de aprendizagem desenvolvido pela interação aluno-professor.

A figura do professor, frente ao processo de formação do ser, deve ter clareza e objetividade em suas atividades para que seja possível desenvolver com equidade os diversos aspectos inerentes ao processo de ensino-aprendizagem, não apenas ensino, mas também aprendizagem, uma vez que o desafio atual é conviver com diferentes culturas, realidades sociais e interesses particulares de cada indivíduo.

Tomando-se como base a percepção de que a natureza humana da pessoa não lhe é inerente ao nascer, e sim uma matéria que deve ser desenvolvida por meio das relações apreendidas ao longo de sua trajetória, é fator expressivo que “o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 2007, p.13). Desta forma, o objeto da educação diz respeito,

de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem

humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo (SAVIANI, 2007, p.13).

Com isso, observa-se que é sempre necessário analisar alguns aspectos da real conjuntura das escolas, motivando-se em proporcionar as melhores condições possíveis, que desenvolvam, tanto no aluno quanto no professor, vontade intrínseca de estarem inseridos neste brilhante processo. Assim, apresenta-se a necessidade de motivação e mediação a partir de ações da figura do professor, sendo possível promover a confiança e determinação do aluno, apontando caminho para sua autonomia.

É evidente a preocupação, por parte de estudiosos, em compreender e ressignificar os trabalhos desenvolvidos nas escolas. Contudo, frente às disposições percebidas nas rotinas escolares brasileiras, ainda são observadas inúmeras insatisfações docentes, frente ao retorno por parte dos alunos, no que tange às atividades que desenvolvam a autonomia do educando.

Assim estrutura-se a relação aluno-professor, rodeada de conflitos ou com baixos rendimentos. Frente a esses empasses pedagógicos, surge o questionamento: advertir ou compreender?

A partir desta problemática, buscou-se depreender sobre o questionamento: qual a real importância da figura do professor para os desdobramentos do processo de ensino-aprendizagem?

2 Referencial Teórico

2.1 A construção da aprendizagem por meio da figura do professor

Diante das diversas interações humanas, é possível percebermos que a interação social com o outro é aspecto fundamental em todo o processo de aprendizagem. Ao passo que se contextualiza essa interação para as inúmeras aprendizagens desenvolvidas no ambiente escolar, percebe-se que o contato aluno-professor é vital no desenvolvimento cognitivo e nas mais variadas aprendizagens que são facilmente adquiridas com essa vivência. Diante desse cenário, justificam-se as crescentes pesquisas realizadas com a finalidade de evidenciar a importância da figura mediadora do professor no desenvolvimento

dos indivíduos e no processo de ensino-aprendizagem mútuo, citando-se esta interação como uma exigência básica para a criação e manutenção de diversas práticas educativas satisfatórias.

Conforme diversos apontamentos feitos por Paulo Freire (2005), em suas obras, nota-se a grande presença deste tema associado à sua aplicação na constituição efetiva dos sujeitos. Educar é uma demanda que exige uma entrega pessoal muito grande, exige responsabilidade e envolvimento por quem se compromete a esse papel fundamental na sociedade. A figura educadora que vive em busca de alcançar essas características ressalta-se em suas práticas docentes, uma vez que interage não com uma massa de pessoas, mas, na verdade, com a individualidade humana de cada um.

Paulo Freire (2005a) é pontual ao demonstrar em suas obras a importância do diálogo como ferramenta fundamental na formação dos sujeitos. Contudo, para o autor, é necessária atenção, uma vez que só existirá uma prática educativa dialógica efetiva se essa for pautada como um fenômeno humano, o qual tem a capacidade de motivar o refletir e o agir de cada um. Compreende-se melhor essas afirmações com a fala de Freire, que apresenta que:

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 2005b, p. 91).

Com isso, a partir da gradativa compreensão do professor em relação à necessidade do diálogo como pilar fundamental em suas aulas, maiores serão os retornos percebidos, pois será mais frequente a demonstração de motivação e curiosidade por parte dos alunos.

Torna-se importante, então, o professor planejar, anteriormente, o tipo de ambiente que deseja construir diante dos alunos, organizando o que quer e aonde quer chegar, e quais maneiras usará para facilitar os processos de ensino-aprendizagem pretendidos, sem tornar essa interação desgastante e pesada. Haydt (2006, p.113) aponta essa figura idealizada:

“Por isso o professor consciencioso, quando entra em uma sala de aula, geralmente sabe o que pretende conseguir, isto é, ao iniciar seu trabalho, ele já tem em mente, ainda que de maneira implícita, os objetivos a serem atingidos” (HAYDT, 2006, p.113).

Ao aceitar essa metanoia, o educador não é visto apenas como um transmissor de conhecimento, mas passa ao papel de mediador, em que tem a capacidade de direcionar as experiências em sala de aula, sendo possível ajustar a interação dos estudantes com a sociedade e desenvolver neles a capacidade de refletir sobre o que acontece à sua volta.

Sem dúvidas, é muito relevante para os estudantes a eficiência da mediação desenvolvida pelo educador, já que dessa interação refletirão as realizações e os avanços do indivíduo na sociedade. Vygotsky (1987) apresenta a interação social, bem como a mediação, como sendo aspectos centrais do processo de aprendizagem, uma vez que dessas características depende-se o processo de constituição dos sujeitos.

Ao idealizar um ambiente desenvolvido no processo de interação e participação, cabe destacar que não se busca um cenário no qual tudo é possível, mas um espaço de interação humanizada, em que todos têm espaço de fala, valorização, respeito e também orientação frente à ideais violentos e contrários ao bom convívio social.

Assim, visualiza-se o grande potencial da sala de aula em oportunizar a construção do conhecimento e do ensino-aprendizagem baseado no compartilhamento de experiências e na interação. De acordo com Vygotsky, pode-se dizer, ainda, que a prática de conduzir a aprendizagem é desenvolvida pela relação aluno-professor, onde é possível, para educadores e estudantes, reinventar e reestruturar suas histórias.

2.2 O entendimento da mediação pedagógica através do tempo

Mediação pode ser sinalizada como o processo interativo que acontece por meio de um elemento intermediário (externo) a uma relação, a qual deixa de ser direta e passa a ser direcionada por este elemento. Vygotsky (1987; 1998) apresenta a interação humana como contato real com as pessoas e com o

mundo, e por meio deste convívio é que acontecem os processos psicológicos superiores mais importantes e essenciais. Assim, a relação construída pelos indivíduos com a sociedade se mostra não direta, mas essencialmente mediada (OLIVEIRA, 1997, p. 26 e 27).

Ao desenvolver pesquisas para melhor compreender a questão da mediação, Fontana (2000) afirma que a figura do educador vem sendo secularizada, já que em grande parte dos processos desenvolvidos em sala de aula o professor tem seu planejamento sinalizado por outros especialistas. Para tanto, cabe a reflexão das didáticas propostas e se realmente as bases indicadas por especialistas, muitas vezes externos ao convívio diário da sala de aula, devem ser enxergadas como únicas e fundamentais, ou se devem deixar espaço para o entendimento e singularização feitas a cargo do professor, mediante análise de seu contexto escolar.

Segundo a autora, cabe destacar ainda o papel dessa mediação como um processo conceitual-interpessoal, já que o indivíduo que interage com a figura do professor tenta imitá-lo, muitas vezes inconscientemente, e dessa forma elabora respostas mais direcionadas ao que vê, somadas à sua bagagem intelectual e social, iniciando no aluno seu processo de desenvolvimento cognitivo.

Com essa interação, o indivíduo tem seus ideais mesclados com os que é sugerido na escola, formando uma visão única em cada aluno, de forma dialética. Para a autora, a mediação é o sistema de signos e sua aplicação nas relações do homem no seu contexto social. Assim, é preciso salientar que, continuamente, os indivíduos que convivem em uma comunidade, e por consequência em uma sociedade, criam instrumentos e sistemas de signos para que seja possível a eles conhecer e interagir com o mundo a sua volta.

Para Masetto (2000), a mediação pedagógica surge como um comportamento inovador e fundamental desempenhado pelo educador, o qual age para facilitar e incentivar as ações e aprendizagens dos alunos frente aos objetivos esperados para eles socialmente.

A mediação pedagógica é a atitude e o comportamento do professor que ativamente se coloca como um facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem.

De acordo com o autor, a conceituação da mediação está relacionada ao papel de sujeito aprendiz, destacando a importância da interação do aluno para seu fortalecimento, bem como para a ressignificação do conceito de professor, muitas vezes visto apenas como um transmissor de conhecimento.

O século XXI tem exigido uma escola cada vez mais comprometida, tendo em vista as aceleradas mudanças da sociedade do conhecimento. A globalização tem sido o fator principal das transformações e este fator tem alcançado os estudantes e os processos de ensino e aprendizagem. Cresce de importância, assim, o papel do mediador pedagógico na busca de informações verídicas, na transmissão de conhecimento e na criação de mecanismos que possibilitem o ensino. Segundo Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia*, vemos que

A questão da formação docente ao lado da reflexão sobre a prática educativa progressista em favor da autonomia do ser dos educandos é a temática central em torno de que gira este texto. Temática a que se incorpora a análise de saberes fundamentais àquela prática e aos quais espero que o leitor crítico acrescente alguns que me tenham escapado ou cuja importância não tenha percebido (FREIRE, 2005, p. 14).

Dessa forma, nota-se que o mediador na contemporaneidade deverá buscar a realidade concreta, de forma a resolver problemas interdisciplinares, bem como unir ensino e pesquisa, aplicando isso ao ensino dos conteúdos propostos e da matriz curricular.

Diante destas demandas, da preocupação no ensino e da disseminação do conhecimento, emergiu a necessidade de uma metodologia que busque o diálogo entre educador e educando.

Frente ao exposto, reafirmamos a fundamental importância da mediação pedagógica, desenvolvida por meio da figura do educador, a qual deve buscar a percepção transitivo-crítica para seus educandos, levando-os a papéis capazes de falar e escutar, interagindo legitimamente na escola e, conseqüentemente, na sociedade.

2.3 A evolução das tendências pedagógicas e o ensino-aprendizagem

Cada vez mais especialistas em educação têm considerado o ensino e a aprendizagem características indissociáveis na aprendizagem. Nesse sentido, não é possível reconhecer a importância do primeiro, sem compreender a totalidade do segundo. É importante mencionar que esses conceitos tiveram seus significados reinventados no decorrer da história e, assim, o processo de ensino-aprendizado tem adquirido diferentes visões pedagógicas.

Por apontarem a caminhos diferentes, ora objetivando enfatizar a figura do professor como único detentor de conhecimento e responsável por sua transmissão, ora ressaltando a figura do estudante como aprendiz capaz de produzir o conhecimento, as pesquisas têm demonstrado que atualmente não há mais uma única forma aceita para esse processo. Com a globalização e a modernização de aspectos educacionais, as tendências pedagógicas foram organizadas em cinco abordagens, sendo que em algumas Mizukami (1986) sinaliza a busca pela reflexão e o pensar, conduzidos pela figura do educador.

A primeira abordagem a mencionarmos é denominada como “Tradicional”. Nessa convicção o papel central é o do professor, responsável unicamente por transmitir conhecimento, e tem o processo de ensino-aprendizagem de forma monótona e centralizada em um único indivíduo. Mizukami (1986, p.12) afirma que nesta convicção tem-se a ideia de que a rigidez dos processos é algo positivo, e acredita-se que esse cenário é mais favorável para o aluno. Contudo, as habilidades observadas nos indivíduos eram a memorização e a repetição, consolidando questionamentos e apontando para a próxima visão.

Logo após, temos a abordagem “Comportamentalista”. Diante das diferentes realidades sociais, nesse cenário o estudante é visto como um produto do meio ao qual está inserido. Nesse panorama, a aprendizagem é vista como favorável a partir da consolidação de um comportamento esperado, estimulado por reforços e resultando de uma operação educacional. Nessa visão, temos a aplicação de estudos programados, os quais são elaborados pelo educador e aplicados unicamente para atingir os objetivos propostos.

Em seguida observamos a abordagem “Humanista”, a qual tem seus esforços voltados ao aluno e a seus processos de aprendizagem. Mizukami (1986) afirma que essa abordagem educacional é focada nas relações interpessoais, observando os resultados produzidos por essa interação e procurando trabalhar em cima deles. Diante dessa visão, o papel do professor é intermediar, facilitando ao máximo a aprendizagem, sempre apontando caminhos para a realização, pois se acredita que o estudante pode buscar o conhecimento através das suas experiências.

Na próxima convicção educacional, temos a visão “Cognitivista”. Para Mizukami (1986, p. 59), essa forma de aprendizagem é fortemente científica, sendo necessário observar as relações sociais em que os alunos estão inseridos, bem como incentivar a capacidade individual do aluno para a construção do conhecimento. Nesse cenário, o professor deve atuar como um facilitador, pois, além de apresentar os conteúdos e ensinamentos, precisa buscar a melhor maneira de desenvolver o aprendizado.

Por fim, temos a abordagem “Sócio-Cultural”, em que é possível percebermos que o ensino-aprendizagem ocorre de forma fluida e horizontal, e não mais impositivamente. Nessa visão, portanto, o papel do professor é visto como mediador em seu sentido essencial, auxiliando nas atividades, mas se fazendo presente na interação. Conforme explica Freire (1975), o educador e o educando estão inseridos no mesmo processo educativo, apenas em graus diversos; o educador e o educando buscam construir o cenário mais adequado para a aprendizagem mútua e o amadurecimento de cada um.

Diante disso, destaca-se a importância da mediação pedagógica para os processos de ensino-aprendizagem, pois com essa abordagem é possível desenvolver o pensamento transitivo-crítico, no qual o professor e os alunos estão inseridos igualmente como seres do processo, conseguindo, cada um na sua concepção, diferenciar as ambiguidades, dicotomias, singularidades, conforme aponta Freire (2005).

Os moldes educacionais atuais necessitam de uma reformulação inteligente, para que se transformem gradativamente em rede de ideias. Com essa necessidade, a demanda de transformação implica substituir o papel do

professor de simples transmissor de ideias, pelo real propósito de mediador pedagógico, presente no contexto individual de aprendizagem de cada aluno.

A escola precisa direcionar seus esforços para desenvolver um ensino de qualidade, mas que também consiga formar indivíduos questionadores e sociais, comprometidos com a realidade social e detentores de suas responsabilidades como indivíduos ativos no contexto brasileiro.

Os processos de ensino e aprendizagem atuais são questionados constantemente de maneira sábia. Nesse sentido, é preciso entender por que os modelos anteriores foram substituídos e porque se acreditava que os mesmos promoviam aumento da desigualdade social. A realidade de que os modelos educacionais precisam acompanhar os avanços da tecnologia e da informação é inegável, e, por isso, deve-se buscar constantemente atualizar os métodos e práticas utilizados pelos professores em sala de aula.

O professor deve buscar desenvolver atividades que sejam capazes de incitar a criatividade e o pensamento crítico em seus alunos. Tendo esta motivação, será possível aumentar a aceitação dos conteúdos propostos e melhorar a interação em sala de aula.

Ser mediador, nesse sentido, sintetiza-se na busca por melhorar constantemente, para que seja possível encontrar soluções para as crescentes demandas que venham a surgir durante o processo de ensino-aprendizagem. É fato que este não é um processo fácil, mas, com certeza, gratificante e capaz de gerar resultados formidáveis para a sociedade.

2.4 Os desafios da mediação pedagógica no século XXI

É indubitável que os modelos pedagógicos necessitam de uma reformulação no que tange aos processos engessados e, muitas vezes, pouco aproveitados para os desenvolvimentos dos estudantes. Diante desse processo de se atualizar frente a cada mudança social e tecnológica que ocorre, os modelos pedagógicos apontam para a necessidade de modificar seu papel de mero transmissor de ideias, para estabelecer a figura mediadora do professor que interage com a sociedade por meio dos alunos, gerando também um novo olhar sobre a escola.

A escola precisa pensar em um ensino de qualidade, em que seja possível construir o estudo de uma ciência contemporânea e preocupada com a realidade social da comunidade. Por isso o ambiente escolar deve buscar, constantemente, maneiras de cooperar com as diversas realidades em que se contextualiza, proporcionando aprendizagem às diferentes realidades sociais que formam uma sala de aula.

Ao procurar compreender os desafios enfrentados pelo professor diante das demandas do século atual, nota-se que o sistema educacional, por vezes, ainda promove certos níveis de desigualdade social ao não promover acessibilidade igualitária a todos os alunos. Ainda, é possível observar que cabe ao professor manter a percepção de que tem papel de extrema importância sob sua responsabilidade, devendo constantemente procurar medir a aceitação e eficiência de suas práticas diante da comunidade estudantil.

A importante observação de que os modelos pedagógicos atuais não vêm acompanhando os avanços tecnológicos tem somado da mesma forma para a estagnação das metodologias. Diante do atual cenário, fortemente impulsionado pela pandemia e isolamento social, nota-se que o uso de ferramentas tecnológicas está possibilitando um acesso mais amplo e igualitário de informação aos estudantes, fator este que deve ser incorporado às metodologias educacionais e dinâmicas usadas em sala de aula.

O século XXI está exigindo que novas metodologias sejam pesquisadas e aplicadas pelos professores e, conseqüentemente, pela escola como um todo. Na mesma direção da sociedade, a escola precisa estar sempre em processo de transformação, visando atender os alunos, para que seja possível manter o papel indispensável do professor. Frente a isso, o professor-mediador deve preocupar-se com a realidade concreta e transparente, para que seja possível criar paradigmas interdisciplinares e fomentar a consciência dos alunos para a busca do saber.

Portanto, o papel do professor no ensino-aprendizagem eficiente não será aquele mecanizado, mas aquele de incentivador e produtor de consciência em seus alunos, ampliando a visão sobre suas responsabilidades para além do ensino acadêmico e formal.

O educador-mediador não pode negar o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, a sua curiosidade (FREIRE, 2002). Ainda, continua Freire (2002, p. 14) “percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo”.

O fim desejável é que as mudanças incorporadas às práticas educacionais sejam eficazes e atraentes para os alunos, de forma a captar sua atenção e incentivar a busca individual pelos conteúdos apresentados nas diversas matérias do currículo escolar. A mediação pedagógica, nesse sentido, deve comprometer-se a ajudar neste trabalho de incentivo e adaptação, visando direcionar a atenção dos alunos e auxiliar na aprendizagem em busca do desenvolvimento do estudante. Dessa forma, o professor conseguirá estruturar elementos para a construção de práticas pedagógicas transformadoras, preocupadas com debates sociais e que auxiliam na construção da nova sociedade do conhecimento, formulando a real importância da figura do educador para o processo de ensino-aprendizagem eficiente no contexto escolar.

Considerações finais

Percebe-se que o professor tem papel consolidado como educador. Contudo, ele vem se reinventando e motivando-se em intervir nas dificuldades observadas no processo de aprendizagem dos alunos.

Diante da rápida retomada das teorias principais, fortemente presentes nas escolas brasileiras, as quais contribuíram para o processo ensino-aprendizagem como é visto hoje, percebemos que, periodicamente, as visões são atualizadas para que seja possível ajustar as teorias e aplicações usadas nas rotinas pedagógicas à demanda de cada período histórico.

Frente ao exposto, percebe-se que o ambiente de ensino precisa ser estimulador. Entre os aspectos necessários à conduta do educador estão a paciência e o afeto, bem como a necessidade de buscar conhecer a realidade dos alunos e as relações sociais em que eles estão inseridos. Com isso, o ensino-aprendizagem mostra-se pilar fundamental na construção eficiente de

ensino, e a aprendizagem pode ser significativa, alcançando o ciclo de desenvolvimento do aluno (RESENDE, 2009).

Estabelecer o papel do professor diante do processo de ensino-aprendizagem não é tarefa fácil, pois é necessário ao profissional reinventar-se diariamente para acompanhar a interação com seus instruídos e conseguir desempenhar seu papel como mediador. É preciso compreender as peculiaridades de cada indivíduo, respeitando o tempo de cada um e apontando caminhos adequados para cada realidade.

O professor-mediador deve ser estrategista e articulador, deve usar sua inteligência para buscar soluções para a prática de ensino e disseminação do conhecimento, usando ferramentas para promover motivação e criar estímulos na sua docência. Estes aspectos somados são fortes indicadores de alunos em potencial, cheios de capacidades, reafirmando o pensamento de que a escola é um período insubstituível.

Encerramos este trabalho como um meio para a melhoria contínua, não como um ponto final, mas como o marco de um processo histórico e constante, indispensável para o desenvolvimento saudável de qualquer indivíduo e, conseqüentemente, da sociedade futura. A partir daqui, espera-se a busca por novas indagações, as quais servirão de motivação para estes pesquisadores.

Como citar este artigo?

PEREIRA, M. G.; DE SALES, T. H. da S., O professor como mediador do processo de ensino – aprendizagem em sala de aula. *Mosaico*, São José do Rio Preto, v. 21, n. 01, p. 70-83, 2022.

Referências

FONTANA, Roseli Ap. Cação. *Mediação Pedagógica na sala de aula*. 3ª ed. Campinas: Autores Associados, 2000

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005a.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2005b.

PEREIRA, M. G.; DE SALES, T. H. da S.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

HAYDT, Regina Célia. *Curso de Didática Geral*. Ática, São Paulo, 2006.

MASETTO, M. T. Mediação Pedagógica e o Uso da Tecnologia. In: Moran, J.M. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 5ª ed. Campinas: Papirus, 2000, p.133-172.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986. (Temas Básicos de Educação e Ensino).

OLIVEIRA, Martha Kohl de. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento*. Um processo sóciohistórico. São Paulo: Scipione, 1997.

REGO, Tereza Cristina, *Vygotsky Uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação*. Vozes, Petrópolis, 2003.

RESENDE, Muriel L. M. *Vygotsky: um olhar sociointeracionista do desenvolvimento da língua escrita*. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1195>. Publicado em: 25/11/2009.

SAVIANI, Dermeval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*, 17ª ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*, 11ª ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

VYGOTSKY, Lev. Semenivitch. *Pensamento e Linguagem*. Trad. Jeferson Luiz Camargo. São Paulo, Martins Fontes, 1987.

VYGOTSKY. *A Formação Social da Mente*. 6ª ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1998.

VYGOTSKY. LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. Trad. Maria da Penha Villalobos. 2ª ed. São Paulo: Ícone, Editora da Universidade de São Paulo, 1988